

OS ADORNOS EM CORINTO

Por Constantino Ferreira

1 Coríntios 11:4,5

“Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta desonra a sua cabeça. Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça, porque é a mesma coisa como se estivesse rapada.”

Questão

Qual é, na realidade, o sentido deste trecho bíblico para os nossos tempos? Onde está a honra e a desonra, quer para o homem, quer para a mulher?

Contexto bíblico

Entre os gregos somente as prostitutas, tão numerosas em Corinto, saíam desveladas pelas ruas; as escravas usavam a cabeça rapada, o que era também a punição por adultério. Os gregos, homens e mulheres, permaneciam descobertos na oração pública, e este costume Paulo recomenda aos homens. Quanto às mulheres, diz que orar ou profetizar sem véu era a mesma vergonha como se estivesse rapada (v. 5). Por que motivo este incidente aconteceu não se sabe ao certo.

Devemos ter em conta que Corinto era uma cidade grega, com outros costumes, onde existia o culto da prostituição sagrada à deusa Afrodite, que era visitada por muitos marinheiros em busca de satisfação sexual. Uma mulher tinha de ir ali pelo menos uma vez na vida prestar culto, havendo ainda as "sacerdotisas" nesse serviço perverso.

É muito provável que se tenham convertido algumas gregas que, segundo os seus costumes, frequentavam as reuniões cristãs, o que levantou polémica entre as mulheres hebreias. Também é possível que algumas mulheres cristãs tentassem pôr em prática o costume grego de orarem descobertas. Notamos que existe aqui um choque de costumes diferentes. Sempre que alguém tentou alterar costumes houve um choque social.

Um caso semelhante, mas ao inverso, encontramos em At 16:20,21 que diz: “Estes homens sendo judeus, perturbam a nossa cidade propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos”. A respeito do problema de Corinto o que observamos à luz dos originais é o seguinte: Paulo defende o uso do tradicional véu hebreu para não ofender as mulheres judias que não queriam identificar-se com as prostitutas do templo. O verdadeiro sentido das suas palavras é este: “Se alguma mulher não quer ocultar-se com o véu, então deve tosquiarse. Mas se é vergonhoso tosquiarse ou rapar-se, então deve cobrir-se (cf. v. 6). Nas expressões referentes a “cortar o cabelo” são usados dois vocábulos: “*keirastho*” e “*xurasthai*”. O primeiro tem um sentido vasto de cortar o cabelo, tosquiar as ovelhas, podar, etc. O segundo significa barbear-se. Portanto, se a mulher não se oculta, tosquie-se.

Concernente à cabeça descoberta ou coberta observemos as expressões originais: No v. 5 observamos a expressão “*akataluptoi tei kephalei*”, literalmente “com a cabeça descoberta”. No v. 6

estão as formas verbais “*katakaluptetai*” - cobrir-se - e “*katakaluptestho*” o qual está no presente imperativo médio, ordenando: cubra-se, oculte-se. Estes verbos são compostos com a raiz do substantivo “*kaluma*” (véu) e a preposição “*kata*” (para baixo) sendo, portanto, um véu da cabeça para baixo, que oculta a mulher. Nos versos 13 a 15 lemos: “Julgai entre vós mesmos: é próprio a mulher orar a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que se o homem tem cabeleira é desonra para ele? Mas se a mulher tem cabeleira é glória para ela, pois a cabeleira em lugar de mantilha lhe foi dada”.

Primeiramente, o apóstolo parece dar a escolher. Ou usa o véu, ou corta o cabelo. No final diz que o cabelo está no lugar do véu, parecendo haver contradição. Mas, deste modo, Paulo está defendendo a cabeleira e o uso do véu ao mesmo tempo. E procura convencer as crentes coríntias que, conforme o costume e a natureza da mulher, é mais próprio e belo o cabelo crescido. E, de facto, achamos mais bela uma mulher com cabeleira do que “tosquiada”. Porém, nas palavras bíblicas nada encontramos que interdite cortar os cabelos e usá-los como entender, desde que seja a bom gosto e mantenha o aspecto feminino.

O problema reside entre o verso 6 e o 15: Aquele que diz que deve usar véu, este diz que o cabelo está em lugar do véu. A dificuldade está em que nós só possuímos um vocábulo para exprimir véu e os hebreus vários, e com o sentido de mantilha, como observamos. No original, a raiz das palavras nos versos 5 e 6 é “*kaluma*” véu, enquanto no v. 15 diz que cabeleira lhe foi dada em lugar de “*peribolaiou*”. Este era um véu fino, enquanto aquele era mais espesso e servia de mantilha para cobrir a face. Embora a mulher coríntia tivesse um véu permanente em sua cabeça, era aconselhada a cobrir-se com uma mantilha para não ser confundida com as adoradoras de Afrodite. Porém, hoje não existe este problema e não vemos necessidade que a mulher cristã use qualquer véu para adorar. Basta o natural.

O apóstolo resolve a situação com o versículo dezasseis, que reproduzimos: “Porém, se alguém intenta ser contencioso, nós não temos tal costume nem as igrejas de Deus”. Reparemos bem na construção da frase e verificaremos que o costume que eles não tinham era “contender”, pois o adjectivo ‘tal’ refere-se à contenda. Isto é, não haja contenda sobre os costumes dos povos.

O adorno das mulheres tem de igual modo a advertência dos apóstolos Paulo e Pedro, conforme está escrito: “Do mesmo modo, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém, com boas obras” (1 Tm 2:9) “Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior incorruptível com um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus”. (1 Pd 3:3,4).

Ao atentarmos naquela leitura descobrimos que os escritores enfatizam a ideia de que a mulher cristã deve tornar-se notória pela nova vida, testemunhada pelas boas obras. Note-se que “do mesmo modo” refere-se ao modo da oração em público, mencionada anteriormente, e ambos se dirigem às esposas, pois usam igualmente o vocábulo “*gunaicas*”. Naturalmente, não deverão ser excluídas desta advertência pelo motivo que adiante se dirá. Quando os apóstolos mencionam os cabelos frisados, ouro e pérolas, referem-se a tranças ornamentadas com ouro e pérolas à volta da cabeça. A palavra traduzida frisados é “*emplokes*” ou “*plegmasin*”, ambas derivadas de “*pleko*” que significa tecer, entrelaçar ou entrançar. É este mesmo verbo que aparece nos evangelhos para mencionar a coroa de espinhos que teceram para o Senhor. A expressão de S. Pedro “adereços de

ouro” vem de “*peritheseos xrusion*” que literalmente significa pôr ouro em redor. Ora, as mulheres orientais faziam tranças do seu cabelo (lembramos as sete tranças de Sansão) e ornamentavam-nas com ouro e pérolas à volta da cabeça. Punham ainda uma redezinha a segurá-la, e usavam jóias nos dedos, nos braços e nos artelhos.

Examinemos Isaías 3:16-24: “Diz ainda mais o Senhor: Porquanto as filhas de Sião são altivas e andam de pescoço emproado, lançando olhares impudentes; e, ao andarem, vão de passos curtos, fazendo tinir os ornamentos dos seus pés; o Senhor fará tihosa a cabeça das filhas de Sião, e o Senhor porá a descoberto a sua nudez. Naquele dia lhes trará o Senhor o ornamento dos pés, e as coifas, e as luetas; os pendentes, e os braceletes, e os véus; os diademas, as cadeias dos artelhos, os cintos, as caixinhas de perfumes e os amuletos; os anéis, e as jóias pendentes do nariz; os vestidos de festa, e os mantos, e os xales, e os bolsos; os vestidos diáfanos, e as capinhas de linho, e os turbantes, e os véus. E será que em lugar de perfume haverá mau cheiro, e por cinto uma corda; em lugar de encrespadura de cabelos calvície; e em lugar de veste luxuosa cinto de cilício; e queimadura em lugar de formosura.”

Parece que estes adornos eram uma cópia dos usados pela deusa babilónica Istar e, portanto, símbolo de paganismo. É este exagero pagão que os apóstolos aconselhavam a evitar para que as cristãs se não identificassem com as mulheres pagãs e prostitutas do templo. De modo algum eles desaconselham o arranjo decente da mulher cristã. Ambos usam termos derivados de “*kosmos*” que, além de significar mundo, tem o sentido de ordem, bem arranjado. Senão, vejamos como a ordem da criação tem beleza. O que se dá é maior ênfase à beleza interior de santidade, mansidão e submissão ao marido. E, o apóstolo Pedro refere-se ao bom testemunho para conquistar os maridos descrentes para Cristo. A sua expressão “pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram outrora as santas mulheres” não significa que elas não possuíam jóias, e a prová-lo temos a oferta de Isaque a Rebeca (Gn 24:22,53). É mister que haja decência e ordem, e então haverá maior beleza.

Falando de modas e costumes não omitiremos as barbas masculinas e a gravata. Não seria, naqueles tempos, honroso ao homem possuir barbas? (Cf. 2 Sm 10:4,5). Contudo, nós cortamo-la por exigência da moda. É certo que não há nada no N.T. que nos oriente sobre o assunto, e, por esse motivo, cada qual usa conforme o seu gosto.

Façamos referência a um adorno masculino mais recente. A gravata não será um luxo desnecessário, e por vezes incómodo, exigido pela moda? Falemos um bocadinho da sua história. No século XVII muitos croatas serviram a França como mercenários. Eles usavam uns lenços de vários formatos ao pescoço que ganharam a simpatia dos franceses e começaram também a usá-los, dando-lhes o nome de “*cravate*”, de croata. A partir daí espalhou-se pela Europa e outros continentes, e teve a sua evolução até chegar à gravata actual. Afinal, andamos todos na moda!

Conclusão

Deste modo, procuramos chamar a atenção para a realidade de muitos costumes serem próprios de povos específicos, sujeitos a mudanças de acordo com o desenvolvimento da cultura e da condição social. Não há, por conseguinte, motivo para se imporem a outros povos e outras culturas. Os próprios povos bíblicos abandonaram muitas práticas ancestrais, inserindo-se no contexto social contemporâneo. É mister, portanto, extrair o ensino espiritual e moral da mensagem bíblica e não ficar escravo da letra. Cf